

Filipe Leandro Martins

(1945-2014)



Filipe Leandro Martins faleceu dia 6 de Outubro, com 69 anos.

Nascido em Lisboa, a 28 de Janeiro de 1945, começou a trabalhar aos 14 anos, foi empregado de escritório, revisor tipográfico, ajudante de laboratório, funcionário judicial. Com apenas 16 anos aderiu ao Partido Comunista Português.

Como se salienta na nota publicada no jornal *Avante!*, de 9 de Outubro, «entre 1960 e 1964 teve uma presença activa nas lutas estudantis, tendo inclusivamente sido um dos fundadores da Comissão Pró-Associação dos Liceus».

«Integrou a Comissão Cultural da Academia Almadense, foi dinamizador dos suplementos juvenis dos jornais *Diário de Lisboa* e *República* e activista do movimento cineclubista, tendo feito parte igualmente do organismo do PCP para o jornalismo juvenil.»

Em 1967, cumprindo o serviço militar, faz o curso de sargentos nas Caldas da Rainha, com especialidade de atirador. Mobilizado para a Guiné, segue o curso especial de minas e armadilhas.

Em 9 de Outubro de 1968, aproveitando as férias antes do embarque, deserta e vem a instalar-se na Bélgica, onde passa seis anos como exilado político. Com

o objectivo de cursar jornalismo, inscreve-se na Universidade Livre de Bruxelas, que abandona logo depois. Passa por várias profissões, carpinteiro de decoração, operário têxtil, barman, educador numa instituição psiquiátrica para crianças autistas, empregado de limpeza, porteiro de hotel.

Em paralelo, como refere a citada nota, participa «*na reestruturação da Associação de Portugueses Exilados Políticos*», integrando «*a direcção local do PCP, com a responsabilidade dos organismos do Partido para o trabalho associativo e para o acolhimento de desertores da guerra colonial*».

Regressa a Portugal após o 25 de abril de 1974 e torna-se funcionário do PCP em Outubro de 1974, integrando o Secretariado e o Executivo da Comissão Concelhia de Setúbal.

Em 1976 entra para o jornal *Avante!*, do qual foi sub-chefe de redacção entre 1986 e 1995, passando a chefe de redacção, cargo que exerce até final de 2010.

Escritor de notável talento deixou uma obra de que fazem parte a novela *Caça às Rolas* (1979) e os romances *O Pé na Paisagem* (1981), *A Pele Branca das Acácias* (1986), *Arqueologia Sentimental* (1995), *Via de Extinção* (2003) e *Face de Lado, Histórias Políticas* (2006).

Como se assinala ainda na nota publicada no *Avante!*, Filipe Leandro Martins, foi membro do Comité Central do PCP entre 1988 e 2012. Actualmente integrava a Organização Concelhia de Setúbal do PCP e colaborava nas edições da União de Resistentes Antifascistas Portugueses.

Em sua homenagem publicamos o prefácio que escreveu em Julho de 2010 à edição da *História do Partido Comunista da URSS (bolchevique)*, obra que está disponível neste site.

História do Partido Comunista da URSS (bolchevique) de 1938

Prefácio

Filipe Leandro Martins

Fazer História sobre um determinado acontecimento alargado no tempo ou mesmo sobre um evento que dure um dia não é apenas proceder a uma disposição cronológica dos factos ocorridos. É sobretudo escolher entre os milhões de factos que poderão ter influenciado e confluído para uma determinada conclusão ou para uma visão determinada do acontecido, aqueles que, numa situação concreta, ela própria influenciada pela realidade envolvente, se apresentem ao autor como os mais significativos. Talvez por isso nos sintamos relutantes perante um manual – sempre sintetizador e mais sujeito à visão global que o tempo e as intenções enquadram – e lhe preferimos a leitura de textos e de documentos produzidos durante o tempo vivo de um processo, fontes da história e contributos para uma visão mais ampla.

Seria fácil demonstrar, se nos dispuséssemos a cotejar o texto deste «Breve Curso» – que logo em 1956, após o XX Congresso do PCUS, foi banido – com aquele que o substituiu em 1959, da autoria não de uma comissão do Comité Central, mas sim de um grupo de académicos, que a visão do segundo já não é a mesma.

Entretanto, factos são factos e não é uma intenção diversa, por mais douta que seja, que os altera. Um exemplo flagrante desta possibilidade de se poder lançar sobre os factos uma visão tão diferente, foi-nos dado a conhecer quando em finais dos anos 60 tivemos acesso a uma História da URSS, da autoria de Aragon, o prestigiado poeta e romancista francês, cuja investigação documental foi só por si obra de grande fôlego. Também ele começa pelos primórdios do movimento revolucionário russo. Dividido em três volumes, três épocas efectivamente distintas em que as figuras centrais são respectivamente Lénine, Stáline e Khruchov, essa obra é de um rigor cronológico e documental extraordinário. Os factos permanecem e mostram as árduas batalhas em que os comunistas russos se empenharam – na construção do partido marxista, na conquista do poder proletário, na sua defesa e consolidação, na guerra civil contra a oposição interna da burguesia ajudada pela intervenção do imperialismo, na construção do socialismo, na II Guerra Mundial em que o Exército Vermelho derrotou as forças mais poderosas do mundo. Preocupado, como muitos comunistas e partidos, em defender tudo o que o PCUS afirmava e em exaltar cada exemplo do verdadeiro progresso que a União Soviética protagonizava internacionalmente, Aragon não assume uma atitude crítica perante a reviravolta operada por Khru-

chov no XX Congresso do PCUS e, embora se lhe note um certo aturdimiento, não deixa de se fazer eco de novas vitórias e da mirífica criação das «*bases técnico-materiais do comunismo*».

Passaram 72 anos sobre a conclusão deste «*Breve Curso*». A pátria construída sobre os escombros do tsarismo e da burguesia, cujo reinado político fora breve, soçobrou, vítima de traições sorrateiras que minaram a sociedade socialista a partir do seu mais poderoso bastião, da sua vanguarda dirigente – o PCUS. Duas décadas já passaram sobre o desmantelamento do socialismo e da União Soviética, urdido e efectivado pelos mais altos responsáveis políticos do partido, que rapidamente colocaram uma nova burguesia no poder, nascida de interesses económicos que paulatinamente foram tomando lugar e dos próprios dignitários de um sistema em decadência forçada. O povo, os trabalhadores não foram vistos nem achados nesse processo «*democrático*», ao gosto do imperialismo, ao qual Gorbachov se uniu, constituindo com os mais importantes arautos do anticomunismo – Reagan, Thatcher, João Paulo II – um tenebroso quadrunvirato, quais cavaleiros de um apocalipse anunciador do fim da História.

Qual então a actualidade, qual então a oportunidade da publicação em português desta obra, no aparente deserto das ideias dominadas pela ideologia imperial?

A oportunidade é, precisamente, a de que esta História do PCU(b), publicada em 1938, responde a muitas das interrogações que os comunistas se colocam acerca da derrota da União Soviética e do conseqüente desaparecimento do socialismo nos países do Leste europeu; mostra como são actuais as lutas que quotidianamente se travam em grande número de países – contra o capitalismo que vive da exploração e das guerras, contra o imperialismo que arrebatou os direitos dos povos – e demonstra finalmente que, sem um partido comunista verdadeiramente revolucionário, livre de oportunismos e de vacilações ideológicas, profundamente ligado às massas, vanguarda da classe operária e de todos os trabalhadores, é impossível transformar a luta de classes, que sempre existirá enquanto as classes existirem, numa torrente revolucionária organizada que abra caminho ao socialismo.

Este «*Breve Curso*» é, assim, um contributo valioso para a batalha ideológica que se trava não apenas contra o inimigo de classe, mas contra as vacilações e oportunismos que, como a obra mostra com clareza, convivem no seio das organizações revolucionárias e podem conduzir às derrotas dramáticas a que assistimos.

Não se trata, portanto, de ideias novas, mas da recuperação de teses e de práticas abandonadas por muitos. Recordemos que, mesmo antes da derrota da URSS, já alguns partidos comunistas tinham enveredado pelo oportunismo, que os levou ao definhamento ou ao desaparecimento puro e simples. Sob a capa da evolução pacífica para o socialismo, que o XX Congresso do PCUS lhes forneceu, pretenderam ignorar o tenaz apego ao poder que a burguesia mantém, sem o qual perderia os privilégios e o seu modo de vida centrado sobre a apropriação da mais-valia, a exploração do trabalho. Empenhados no jogo político e cen-

trando sobre o parlamento o essencial da sua actividade política, abandonando as massas e as suas organizações, desprezando o papel organizador do partido, apostando no eleitoralismo como forma de alcançar o poder, acabaram rene- gando o marxismo-leninismo, as suas teses e a sua longa e exaltante experiência revolucionária e de construção do socialismo. Por fim, viram-se desapossados da sua influência social, política e mesmo eleitoral. A burguesia, nestes concu- sos, tem mais e melhor experiência.

No decorrer da leitura deste «*Breve Curso*», assistimos aos momentos mais significativos da luta pelo socialismo e pela sua construção. E de novo nos surge a questão da oportunidade desta publicação. É que o livro ajuda os leitores – os comunistas e aqueles que com eles procuram alcançar a liberdade e a justiça so- cial – contando a História do partido bolchevique, no esclarecimento da estraté- gia e da tática usada por Lénine e pelos seus camaradas e prosseguida depois na construção do socialismo. Algumas ideias centrais atravessam toda a obra, na nossa modesta apreciação. A da necessidade da existência de um partido revolu- cionário, como já referimos; a da necessidade da luta em defesa dos princípios e teses fundamentais do marxismo, contra os desvios oportunistas; a da conside- ração, que é sublinhada na obra, de que *a teoria marxista-leninista não é um dogma mas um guia para a acção*. Uma outra questão, que se afigura funda- mental, é a de que vale a pena divulgar, num texto mesmo sintetizador de uma experiência histórica que mudou a face do mundo, os passos fundamentais nesse caminho libertador que foi a Revolução de Outubro e a construção do socialismo.

É que muitos dos prováveis leitores, sujeitos à ideologia dominante como somos todos, e conhecendo apenas pela rama os momentos simbólicos da to- mada do poder pelos trabalhadores e, por outro lado, apenas sabendo do socia- lismo as suas conquistas políticas, económicas, sociais e culturais (o que não é pouco), desconhecem que, como qualquer obra humana, e sobretudo uma obra pela primeira vez realizada e de uma amplitude e profundidade como foi a revo- lução soviética, não é apenas produto da vontade organizada do proletariado.

Com efeito, a edificação, consolidação e defesa do socialismo *coloca problemas*.

O socialismo existiu, vigoroso e florescente e foi não só capaz de espantosas conquistas sociais como permitiu, mais tarde, a derrota do nazi-fascismo. A to- mada do poder não foi apenas os seus momentos simbólicos – as salvas do cru- zador *Aurora*, o assalto ao Palácio de Inverno, os decretos da Terra e da Paz. A longa e sangrenta guerra civil que a burguesia russa e o imperialismo impuse- ram ao povo russo e as suas consequências económicas devastadoras fizeram desta primeira experiência histórica uma saga heróica protagonizada pelas mas- sas. Alcançada a paz num país exangue, a reconstrução iniciada já nos moldes da edificação socialista, exigiu um tremendo esforço e veio a impor desde logo, com vista a obviar à penúria extrema e às dificuldades acrescidas do abasteci- mento das cidades, recuos estratégicos. A *NEP* (Nova Política Económica) surge então como uma necessidade imperiosa. Não se trata de uma política que cons- titua um fim em si mesma, mas de uma medida concreta que a situação concreta

impunha e que, a não ser tomada, faria perigar os objectivos fundamentais da edificação socialista. Como advertiu Lénine, tratou-se de um recuo, que terminaria logo que a situação o permitisse e pudessem ser de novo abertas as portas aos avanços do socialismo que, mesmo assim, não cessava de conquistar apoios no seio dos operários e dos camponeses e de registar vitórias em todos os planos.

A colectivização das terras, mantendo ainda diversas formas de propriedade e de cooperação, que permitiu a adesão numerosa dos camponeses à Revolução e aos seus objectivos mais gerais também decorreu sob uma tenaz luta de classes. A oposição feroz dos kulaques, camponeses ricos que baseavam a sua economia de classe na posse de vastas terras e na exploração do trabalho, tornou a colectivização das terras e a socialização da agricultura numa áspera batalha de classes, numa grandiosa tarefa a que as massas, dirigidas pelo seu partido, deitaram mãos, conduzindo à vitória um processo complexo e sem precedentes na História.

O estudo aprofundado da realidade concreta, o traçar de objectivos obedecendo às teses do marxismo-leninismo, a direcção firme do partido, a mobilização popular que os comunistas conseguiram para levar a cabo com determinação e muitas vezes com heroísmo as tarefas mais exigentes, não excluíram, pelo contrário, suscitaram a criatividade individual e colectiva. Em menos de duas décadas uma obra grandiosa entrava em fase de conclusão. O rumo estava traçado, as vitórias acumulavam-se e a URSS lançava-se numa nova era.

Jamais se lerá, entretanto, neste «*Breve Curso*», uma expressão que indique que o socialismo seja irreversível. Tal vocabulário aparece mais tarde, num aceso, parece, de triunfalismo que, ao mesmo tempo, abriu a guarda a novos desvios que iriam desaguar na tragédia dos anos 80/90 do século passado.

Juízos apressados foram então produzidos acerca das razões da derrota. Inesperados «*ideólogos*» pontificam à «*esquerda*» e recuperam a *NEP*, como receita milagrosa. Isto é, em lugar de considerá-la um recuo que permitisse novos e vigorosos avanços no caminho da edificação socialista, declaram-na como objectivo «*final*» dessa construção. Quer dizer não só limitam os objectivos do socialismo como sociedade em que as classes são chamadas a desaparecer, amputando-lhe o objectivo final do comunismo, como, parando a meio caminho, acabam favorecendo a recuperação capitalista. Outros desenterram as velhas críticas à direcção do partido soviético, liderada por Stáline, acerca das «*violências*» cometidas durante a colectivização da terra. Felizmente, habituados às calúnias semeadas contra os comunistas e os operários agrícolas da Reforma Agrária, estamos em posição de conhecer os alforjes onde se fabricam tais «*críticas*». Reunindo todas elas num único punhado, há por fim os que denunciam o «*modelo*» de socialismo, primeiro passo, efectivamente, para se libertarem dele como objectivo. Que modelo? O que presidiu à construção da mais humana das sociedades que existiram à face da Terra? Ou o modelo criado pelos desvios subsequentes aos ideais e projecto comunistas? Não esclarecer este ponto fulcral da apreciação das causas da derrota do socialismo na URSS é o mesmo que dizer que «*o socialismo era bom mas não presta*»...

Este livro foi acabado no intervalo de dois acontecimentos de impacto mundial.

O partido bolchevique lançava-se na luta pela conclusão da construção da sociedade socialista. O VIII Congresso dos Sovietes fizera o balanço vitorioso das tarefas desenvolvidas, fora aprovada a Constituição Socialista, 91 milhões de cidadãos soviéticos haviam sido chamados às urnas para eleger os seus representantes no Soviete Supremo da URSS. *«Não foi um simples acto eleitoral, mas uma grande festa, o triunfo do povo soviético, uma demonstração da grande amizade dos povos da URSS»*, pode-se ler. Mas as vitórias alcançadas e o apoio inegável e massivo ao partido bolchevique não faziam esquecer que as sombras se avolumavam a Oeste. O nazismo preparava a invasão da União Soviética. A II Guerra Mundial, a que os soviéticos opuseram a Grande Guerra Pátria, ia rebenotar um ano mais tarde. Estaria o partido, o Estado e o povo soviético preparado para defender a pátria do socialismo? A resposta conhecemo-la. Mas não é demais sublinhar que só um partido firme e prestigiado, só um Estado bem ancorado nas massas, só um povo convicto dos valores essenciais que defendia, eram capazes de resistir vitoriosamente à agressão nazi para a qual contribuíram não apenas os Estados fascistas europeus, mas todos os países imperialistas que viam com bons olhos uma vitória sobre o bolchevismo para depois entrar em acção e derrotar os exércitos hitlerianos.

A História provou que os comunistas soviéticos tinham razão e que as suas razões, por serem as razões das massas, eram perfeitamente entendidas por elas.

O livro, como é natural, não refere este aspecto. Referimo-lo nós, encontrando no texto que se oferece hoje aos leitores portugueses, as razões da vitória. O socialismo vencera já. Bastaria referir o apoio popular revelado nas eleições para o Soviete Supremo:

«Dos 94 milhões de eleitores, mais de 91 milhões, ou seja 95,8 por cento, participaram nas eleições. Destes eleitores, 89 milhões e 884 mil, ou seja 98,6 por cento, votaram no bloco dos comunistas e sem partido. Apenas 632 mil pessoas, ou seja, menos de um por cento, votaram contra os candidatos do bloco dos comunistas e sem partido. Todos os candidatos do bloco, sem excepção, foram eleitos.

«Deste modo, 90 milhões de pessoas ratificaram com o seu voto unânime o triunfo do socialismo na URSS.»

Tais resultados, porém, são por sua vez o produto de um árduo trabalho conduzido pelo partido e realizado pelas massas. E os resultados alcançados não tinham comparação em qualquer parte do mundo, como o texto regista:

«Ao mesmo tempo que a URSS alcançava importantes êxitos na industrialização socialista do país e desenvolvia a sua indústria num ritmo acelerado, nos países capitalistas, em finais de 1929, eclodiu uma crise económica mundial sem precedentes pelo seu poder destruidor que se aprofundou nos três anos seguintes.»

«Enquanto que, nestes três anos de crise (1930-1933), a indústria da URSS cresceu para mais do dobro, representando, em 1933, 201 por cento em com-

paração com o nível de 1929, a indústria dos Estados Unidos, em finais de 1933, tinha caído para 65 por cento, em comparação com o nível de 1929, a da Inglaterra para 86 por cento, a da Alemanha para 66 por cento e a da França para 77 por cento.»

«Esta circunstância demonstrava uma vez mais a superioridade do sistema económico socialista em relação ao sistema capitalista. Demonstrava que o país do socialismo era o único país do mundo livre de crises económicas.»

Assiste-se ao *«desenvolvimento contínuo da indústria e da agricultura na URSS.»* O segundo plano quinquenal é cumprido antecipadamente, e vale a pena dizer que, embora realista, era extremamente ambicioso. Haviam sido concluídas a colectivização e a reconstrução da agricultura. O movimento stakhanovista impunha-se na indústria e empolgava os operários. A elevação do bem-estar do povo era um facto. A possibilidade de acesso dos trabalhadores à cultura desenvolvia-se entusiasticamente e pode mesmo considerar-se que atingia o seu melhor na produção e divulgação de obras de arte e de literatura. Era esta a pátria socialista que os soviéticos iriam defender com heroísmo e que os levaria à vitória.

O livro que se apresenta aos leitores portugueses, acaba, como convém a um bom *«Breve Curso»*, extraindo conclusões. Pensamos que neste Prefácio, as abordámos, de um ou outro modo, a todas. Uma delas, porém, pela sua importância e flagrante actualidade, julgamos ser de destacar:

«A história do partido ensina-nos que sem uma ampla ligação às massas, sem o reforço permanente desta ligação, sem a capacidade para ouvir a voz das massas e compreender as suas necessidades mais prementes, sem a disponibilidade não só para ensinar as massas, mas também para aprender com elas, o partido da classe operária não pode ser um verdadeiro partido de massas, capaz de levar atrás de si as massas de milhões da classe operária e de todos os trabalhadores.»

«O partido é invencível se souber – como afirmou Lênine – “ligar-se, aproximar-se e, se quiserdes, fundir-se até certo ponto com as mais amplas massas trabalhadoras, antes de mais com as massas proletárias, mas também com as massas trabalhadoras não proletárias”.»

16 de Julho de 2010
Filipe Leandro Martins